

A NATUREZA DA MORDIDA CARLA MADEIRA

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2022

Para Ana, João e Zinho.

*A realidade nos escapa
como um peixe que arrancamos da água com as mãos,
enquanto nos agarramos a ela como náufragos.*

Anotações de Biá

Eu vi Olívia. Ela estava na última mesa, depois de algumas outras mesas ocupadas, sozinha, escrevendo. Em volta, um silêncio que as mesas barulhentas, os carros que passavam, as pessoas que corriam não podiam interromper. Ela escrevia sem fazer a menor ideia de que aquele era o meu lugar. Era onde eu me sentia melhor, era meu por obrigação de me sentir melhor. Onde eu me esquecia menos. Lembrar se tornou prioridade absoluta. Pensei: vou pedir que ela me devolva, ou que me ceda, para não ser agressiva, o lugar onde me sinto melhor. Tenho uma recomendação expressa de meu médico de me sentir melhor sempre que possível. E seria possível se ela sáísse de lá e me deixasse sentar e folhear os livros do sebo, que tão bem me fazem quando me lembram de que sempre haverá outra realidade para onde me retirar. Pensei em ir até ela e pedir gentilmente que sáísse, mas vi que se entregava consumida a uma escrita sem pausas.

Eu vi Olívia. Meu Deus, como eu vi Olívia! Cabelo ruivo, olhos verdes, linda, linda, desconcertantemente linda e atenta a alguma coisa que borbulhava dentro dela. Talvez linda porque imersa em borbulhas. Não, definitivamente não apenas. Linda pelos olhos verdes, o cabelo ruivo e os dentes sem sombras. Linda pela larga atmosfera triste que emoldurava seus gestos. Vestia verde-oliva. Olívia e oliva combinavam. Ela sabia. Respirava como quem sabia. Ocorreu-me que ela seria capaz de coisas improváveis se eu interrompesse a frase que escrevia obstinada, fazendo com suas ideias o que alfinetes fazem com balões. Acho. Foi bom não ter certeza. Só avancei porque minhas certezas se evaporaram, eu não as tenho desde que envelheci. Continuei indo em sua direção, no meu passo de velha senhora. Eu já estava quase chegando, quase atravessando o silêncio de Olívia, quando ela parou e chorou. Fez com que eu parasse também, não podia pedir a alguém chorando que saísse de onde estava para que eu me sentisse melhor. Ela enxugou com os punhos as lágrimas, que voltavam a escorrer desobedientes. Punhos oliva secando lágrimas transparentes, tudo enchia meus olhos ávidos de literatura. Ela relia o que havia escrito, chorava, chorava, e eu suspeitava que, por um segundo, um miserável segundo, também ria. Olívia chorava e ria. E eu fiquei ali, na fronteira entre o barulho e o silêncio, vendo aquela menina, seguramente uma menina se comparada a mim, suspender meu próprio caos como se fosse mágica.

Avancei.

Espantosamente segura de que faria aquilo, me apresentei: Oi. Oi e ponto. Oi e mais nada. Ela me olhou, sem saber se deveria me reconhecer, e disse: Oi. Oi e ponto. Oi e daí? Daí que eu tinha as mãos apoiadas na cadeira à sua frente, e nenhuma intenção de me afastar. Eu estava decidida a me sentar naquele lugar... toda uma vida me empurrando, o que não era pouco. Ela com punhos

molhados, supus, atordoada com minha intromissão, depois de uma resistência que deveria ter me deixado sem lugar, me convidou a sentar. Pobre menina, não escapou da polidez que tanto nos obriga. Ou talvez... não tenha escapado do meu desamparo, assim como não pude escapar ao dela.

Aceitei o convite. E depois de me instalar com a lentidão dos meus anos, lembrei-me de que chorar e rir ao mesmo tempo... às vezes acontece comigo. Subitamente, avisto pequenas ilhas de alegria num mar de dor. As tais ilhas aparecem como quem diz que alguma coisa, apesar de tudo, foi salva. São alegrias das quais não quero me desfazer. Fossem só dor nossas lembranças, nos desapareceríamos. Mas, entranhadas nelas, resistem as pequeninas e ensolaradas ilhas sabotando todo um mar de motivos para esquecer.

Enquanto ela guardava na bolsa seus papéis, vi que seus cílios ainda gotejavam e me recusei a ignorar o que via. Perguntei seu nome.

Olívia.

Olívia, o que você não tem mais que te entristece tanto? Ela parou o que estava fazendo e me olhou. Não vou me esquecer daqueles olhos desmoronando lentamente. Que tipo de estranha era eu afinal?

Achei tão bonito uma pessoa se chamar Olívia usando um casaco cor de oliva. Naquele momento, gostaria de me chamar Celeste e estar usando um casaco azul, para que Olívia também já não pudesse mais se desviar de mim.

Depois, caiu sobre nós um demorado silêncio difícil de tolerar. As mãos, a boca, os olhos ficaram sem lugar. Tudo ficou sem lugar. Dei para me sentir inadequada quando falo com um estranho, fico com a sensação de que falei demais ou de que, fatalmente, o farei. É que diante de um desconhecido ainda posso ser o que gostaria, e não estou em condições de perder essa

oportunidade. Achei que ela se levantaria e iria embora. De posse do meu lugar, eu folhearia os livros do sebo e mergulharia em seus trechos, ignorando a correnteza brutal do tempo. Mas Olívia não se foi. Ficou e, para minha surpresa, contou pela primeira vez sua triste história.

1º encontro

A banca de revista do Rodolfo ficava na esquina de uma avenida movimentada de Belo Horizonte, que aos domingos tinha uma das pistas impedida para os carros e liberada para as pessoas. Ali elas caminhavam, andavam de bicicleta, empurravam carrinhos de bebê, faziam uma pequena orla sem mar. Somente aos domingos, Rodolfo entrava no clima e espalhava umas mesinhas com sombrinhas no passeio largo, abria uma pequena estante com livros usados, edições antigas, raras, a maioria de clássicos da literatura. Servia café e pão de queijo quente, receita de família, assado na hora em um forno improvisado ao lado da banca, irresistível. Muitas árvores em volta e uma boa brisa criavam um ambiente perfeito para se passar horas inúteis de um domingo. Alguns passavam por ali, compravam jornais e revistas e iam embora. Outros se sentavam nas mesas e ficavam ao ar livre, entretidos em suas leituras. Tinham ainda os que pagavam um pequeno couvert para folhear os jornais do dia, as revistas da semana ou do mês.

Biá era uma frequentadora assídua da banca do Rodolfo, exclusivamente da parte do sebo. Segundo ela, as notícias não mereciam mais sua atenção.

— Quanta porcaria junta! Isso só pode deformar uma pessoa, e tem deformado. Você tem parte nisso, viu, Rodolfo? Não pense que será inocentado. Não sei mais se tudo isso é a prova ou o motivo de estarmos produzindo uma humanidade tão bestial! Se eu fosse você, Rodolfo, ampliava o sebo e acabava com a banca. *Crime e castigo* no sebo nos fará muito mais bem do que crimes e castigos nos jornais — dizia ela, seguindo para sua mesa de todo domingo, exceto quando chovia.

Às vezes Rodolfo, entretido com outros clientes, se distraía, e alguém se sentava no lugar de Biá, cujo nome verdadeiro, vim depois a saber, era Emma. Foi exatamente o que aconteceu no dia em que a conheci. Por sorte, sentei-me em sua mesa, e ela veio falar comigo.

Estava bem-arrumada, banho tomado, cabelo liso chanel na altura da orelha, partido ao meio, com dois grampos segurando os fios para que não incomodassem os olhos. Olhos grandes, curiosos e doces, levemente puxados. Uma boneca japonesa me veio à cabeça ao observar seus traços. Pareceu-me vaidosa, daquelas que passam creme após o banho quente e se vestem cuidadosamente.

Uma semana antes, vivi meu último encontro com Rita e ainda não sabia o que fazer com meu desespero. Tentava pôr no papel o que nos aconteceu, na esperança de tirar de mim a intensidade do que sentia. Foi quando ela apareceu.

Parei de escrever, assaltada pela presença daquela senhora que se prostrou diante de mim, decidida a se sentar onde eu estava. Tentei ignorá-la, mas ela não arredou pé. Sem forças para reagir àquela intromissão — ela era uma senhora de idade —, propus que se sentasse, enquanto guardava minhas coisas para

ir embora. Eu não conseguia parar de chorar... Foi quando ela me atravessou com uma daquelas perguntas que valem mais do que todas as respostas:

— O que você não tem mais que te entristece tanto?

O jeito como ela se calou para me ouvir foi como dois braços abertos na minha direção. Quando me dei conta, contava, sem cortes, minha vida para uma estranha, com a sensação de que me faltavam amigos. Falei de mim como nunca falara antes. Ordenei, mastiguei, enfrentei toda a minha desordem. Quando terminei, esperei que ela dissesse alguma coisa... mas não podia imaginar que seria tanto o que começava ali.

— Vejo seu rosto arranhado. Pequenos riscos vermelhos na pele e no branco dos olhos. É o sal das lágrimas... e imagino seu coração lutando com o que não alcança. Só as coisas desimportantes deveriam nos ocupar, menina Olívia. Sei que você é uma mulher, mas não posso deixar de notar o tempo que tem pela frente. Ninguém nunca nos ensina a rir de nossa falta de saída. E o que mais podemos fazer? Chorar pouco resolve e muito deforma. Ainda assim, engolimos a chave e choramos entalados. Quem dera eu mesma fosse capaz de fazer o que digo. Ah... não sou! Olhe as manchetes que o Rodolfo insiste em exhibir, quanto desânimo sabem me dar. Quanta angústia produzem ao tocar minha pele flácida. Passei a vida querendo ter outras notícias, acho até que lutei por elas no meu quintal. Agora estou cansada e, principalmente, velha, enquanto a realidade está cada dia mais insuperável. Não tenho mais tempo para essa concretude, não verei nada se resolver.

Desculpe meu desesperar, Olívia. Somos tão recentes uma para outra... A alma não se rende ao desespero sem haver esgotado todas as ilusões. Estou impaciente com tanto ruído. Antes, vivia-se onde se vivia; agora, estamos todos desterrados compartilhando

padecimentos longínquos. Já não bastasse sermos um pedaço infernal de nós mesmos, agora temos de abarcar, impotentes, as dores de todo um mundo. Seria bom se alguém gritasse acima de todas as vozes: é por ali! Mas creio ser sintoma de minha decrepitude de desejar um salvador. Ele não virá! Nós é que iremos, sabe-se lá pra onde... nós iremos.

Biá ajeitou o corpo na cadeira, conferiu os grampos no cabelo e continuou:

— Eu tenho um vizinho, um homem ríspido, que teve coragem de pintar o chão do prédio de branco, bem na área onde as crianças brincam, e agora não para de infernizar as mães, a faxineira, a meninada, porque o chão vive sujo. Lá do meu apartamento, escuto seus berros e absurdos. Um homem que berra não conta com minha boa vontade. Hoje eu o peguei à queima-roupa, olho no olho tenso, e perguntei: “Aonde o senhor vai com tanto poder quando morrer?” Eu esperava que alguma veia estufasse em seu pescoço antes que ele começasse a rosar. Mas nada! Ficou mudo. O sujeito nunca parou para pensar que, seja lá aonde for quando morrer, vai sozinho, sem ninguém para servi-lo ou para carregar seus pertences, sem nenhum tostão para gorjetas, sem poder comprar a paciência alheia. Deveria se curvar um pouco diante dos mistérios que nos aguardam. Nosso destino é incerto, Olívia. Nosso corpo perecível, como a comida fora da geladeira. Desculpe-me, tenho pensado muito na morte... inevitável diante do tempo corrido. Adiamos a ideia desse confronto o quanto podemos, mas só os mortos possuem todo o tempo do mundo e nenhuma consideração com os vivos. Não nos dão uma miserável pista do que devemos levar dessa para a melhor, uma vez que vamos sem as mãos. Talvez os mortos estejam mortos. Precisamos considerar esta possibilidade que tanto nos assusta: a morte pode mesmo ser o fim. E eu já não

luto para introduzir no tempo de cada dia eternidades. Eu já não luto por coisa alguma. Sou uma avestruz deprimida. Tenho meu pequeno lote, onde enterro minha cabeça e no escuro do buraco me esqueço de tudo. Você acredita no escuro do buraco? — perguntou, afastando um pouco o corpo e investigando se eu acompanhava atenta. — Acredita em um lugar absolutamente escuro, onde nada do que vemos pudéssemos ver? — E, sem esperar minha resposta, concluiu, aflita, para si mesma: — Quem me dera... não consigo apagar as luzes. É tão claro o que não tenho mais.

E turvando subitamente o semblante perdeu a excitação na voz.

— Moro bem aqui, nesta zona sul ensolarada. Meu lote não é tão pequeno assim. Estudei a vida inteira, literatura e psicanálise, duas coisas, se é que são duas mesmo. Depois... vivi uma tristeza sem culpados. Não pude culpar ninguém. Quando há um culpado, pelo menos existe um motivo para se levantar da cama. No meu caso, não havia. Hoje me vejo de cabeça enterrada no chão, no alto da zona sul cartesiana, região que, por sinal, limitou muito minha imaginação. Pouca literatura rende uma vida muito higienizada. Quem pode acreditar no sofrimento cercado de conforto? Quem pode acreditar na literatura sem sofrimento?

Já um pouco cansada, notei, parou para observar o céu, o vento nas árvores, depois olhou sem pressa para os meus cabelos, escaneou meu rosto, minhas mãos, e continuou com os olhos levemente molhados:

— Sua história, a que você me contou, tem a leveza de uma pipa que ganha o céu, flutua nas alturas e... a queda vertiginosa. O som seco do que se despedaça. Depois dele, a todo custo, queremos negar o céu, mas já não podemos esquecê-lo. É o céu que não esquecemos, Olívia. É bonito e é triste também. “Um homem com uma dor é muito mais elegante...” — cantarolou baixinho. —

A alegria é ruidosa, escancarada, até o rabo do cachorro sabe abanar — disse, dividindo no ar a palavra inventada para me fazer ver seus sentidos. Um gesto que vi se repetir muitas outras vezes.

Sua história dói em mim, Olívia, a minha doerá em você, e enquanto isso acontecer podemos ter esperança. Caso contrário... o que diz a poesia? Seria o deserto absoluto. O oceano absoluto. Por preconceito ou pura pirraça, talvez, a tristeza espalhafatosa tem pouco crédito comigo. Penso que a verdadeira tristeza nos deixa sem palavras. Nos tira o volume. É uma goteira pingando lenta em um fim de tarde avermelhado. Uma caneta deslizando no papel sua tinta dolorosa. O homem triste carrega discreto a lente angustiada do anoitecer e a porosidade das folhas secas no chão. Tem a insônia da madrugada. A solidão da plataforma vazia que vê o trem se afastar. Um dia fui uma plataforma vazia, e sou, para o resto da vida, uma plataforma vazia. Mas você, menina Olívia, você tem o tempo. O meu se foi e hoje... sabe que eu prefiro mais a imagem de minha cabeça enterrada do que a das pessoas enterradas até o pescoço sob o sol quente, só com a cabeça para fora, como nos filmes de faroeste? Deus me livre de ter uma cabeça capaz de ver tudo, presa a um corpo devastado. Prefiro ser louca de vez. Falta pouco. Você ri? — perguntou, enquanto eu me surpreendia por ter um riso estacionado no rosto. — Já é alguma coisa. Mas saiba que dói quando a loucura passa. A lucidez é jaula.

Enquanto ela falava, suas mãos voltavam de tempos em tempos para conferir os botões do vestido. Notei que tremia.

— Biá é meu nome de louca. Biá, e não Bia, note a diferença — insistiu, bem-humorada. — Pus acento para não ficar de pé muito tempo, por causa de minhas varizes — e abriu um sorriso macio

antes de concluir: — Esqueça a gramática, ouça apenas a música. Esta, sim, atravessa muros.

Enquanto ela falava, não era a loucura o que eu via. Não sei precisar o que me atraía naqueles olhos escuros. Mas ela, certamente, viu uma expressão apalermada na minha cara e reagiu:

— Não leve tão a sério, Olívia, por favor! Não vou assediá-la com conselhos. Sempre odiei livros de autoajuda. É compressa de literatura ruim, como se tudo pudesse se resolver rapidamente. Como se bastasse sempre uma boa conversa para se acabar com os impasses. Seremos amigas se soubermos ao mesmo tempo... um, dois e já! Há rompimentos insensíveis ao diálogo. É por essas e outras que as distrações me aliviam. As rimas. As flores inesperadas. O que fisga meu olho pelo rabo. A vida não é de confiança, Olívia, nos apunhala com a mesma faca com que passa manteiga. A vida, essa senhora banguela, não teme a feiura e faz coisas medonhas com sua boca murcha que não lhe inibe as gargalhadas. Ao contrário, gosta de nos exhibir a extensão da mordida que nos dará com deboches e ironias ao invés de dentes, para nos fazer pagar a língua enquanto giramos estonteados, pra lá e pra cá, entre suas gengivas. Veja o seu caso, o que você acabou de me contar com os olhos rajados de sangue: bem na hora em que sua amiga, Rita, ia esclarecer por que botou você para fora da vida dela, talvez explicar um grande equívoco, talvez revelar o segredo que vem espezinhando você há tanto tempo, o que a vida faz? Masca, como uma tesoura cega. Agora você está aqui sem saber, esmagada pela fatalidade brutal. Sentindo-se, mais uma vez, empurrada para trás daquele portão que tanto marcou sua infância. Eu consigo vê-lo, estreito e frio, e meu coração se entenece. Ah, Olívia... me desculpe a falta de freios. Esqueça tudo que eu disse e guarde apenas o que vou te dizer agora: não saber nem sempre é o pior lugar.

E então ela apertou levemente meu braço sobre a mesa e se levantou. Pareceu-me exausta, sem a menor condição de imaginar que eu queria que ela continuasse a falar. Eu queria me demorar na distância que aquela conversa fez com que eu tomasse de mim mesma. Há dias não conseguia parar de pensar no que aconteceu com Rita. No que nos aconteceu. Seria melhor se ela não tivesse ligado, mas ligou. Seria melhor se eu não tivesse ido, mas fui. Seria melhor se eu nunca tivesse acolhido seus gestos em nossas coreografias pela vida afora, mas acolhi todos os que ela me ofereceu. O tempo que passei com Biá, aquela senhora de olhos brilhantes e fala desatinada, foi uma trégua.

— Venho sempre aqui, Olívia. Aos domingos sentarei neste mesmo lugar e esperarei por você como se espera um oásis. Venha me ver quando tiver tempo. Engraçado, não é? Você, que tem todo tempo pela frente, talvez não tenha tempo; eu, que não o tenho, tenho. É a boca banguela da vida, louca por uma gargalhada. — E, dizendo isso, foi embora lentamente, sem olhar para trás.

Aqueles eram dias tristes, de uma tristeza vinda de longe, como uma onda que percorreu quilômetros de mar para se avolumar. Nossa amizade começou assim, enquanto nos afogávamos.